

REVISTA DE MEDICINA

DIRECÇÃO SCIENTIFICA DO
PROF. RUBIÃO MEIRA
REDACTOR-CHEFE
PEDRO DE ALCANTARA.

ORGAM DO CENTRO ACADEMICO
"OSWALDO CRUZ"
DA FACULDADE DE MEDICINA
E CIRURGIA DE SÃO PAULO

UM PROBLEMA MEDICO SOCIAL...

A vida, disse Blainville, é um duplo movimento de composição e de decomposição, ao mesmo tempo geral e continuo. Como resultado de um movimento de composição e de decomposição, claro resulta que sua intensidade ha de ser uma funcção directa da intensidade de cada um desses phenomenos. Prevaleça o movimento de composição, e teremos, nos individuos como nas agglomerações, crescimento, progresso, adeantamento; predomine a decomposição e teremos a decrepitude, o deperecimento.

No computo da intensidade desses dois phenomenos, um valor que se não pode desprezar apparece exercendo uma acção indiscutivel: é as entidades improductivas. Um elemento que não produz — uma cellula no individuo, um individuo na sociedade — é um valor a ser lançado no debito.

Augmente-se a quantidade desses valores, cresça o numero dos elementos improductivos, e ter-se-á, no balanço da vitalidade de um agglomerado qualquer, um factor cada vez maior de desperhecimento e de ruina.

Na vida das sociedades ha um de taes factores, producto de sua pobreza ou de sua desorganisação — é a mendicidade.

A mendicidade, é sob qualquer ponto de vista, um opprobrio para o meio em que se mantem. Ou significa impossibilidade material de attendel-a — e então a sociedade mesma é indigente, — ou significa incompetencia administrativa — e então a sociedade é indigna de viver autonomamente, necessitando de tutela, — ou significam indiferença pelos que lhe imploram a caridade — e neste caso, o mais grave, quer dizer deficiencia moral e affectiva.

Ha a attender, no problema da mendicidade, interesses moraes importantissimos bem como interesses materiaes de não menos valia, como veremos adiante. Alguns passos — poucos, para a cami-

nhada que esse problema exige — têm sido dados entre nós no sentido de se resolver tão grave questão. Por parte dos particulares, um asylo de invalidos, insufficiente para os fins a que se propõe; por parte da administração publica, algumas campanhas policiaes, tão inuteis como espalhafatosas. Nada disso resolve o problema. Ou a sociedade, por si ou por meio de seu órgão autorizado, a administração, resolve se compenetrar da importancia moral e material do caso, ou este continuará, indefinidamente, a vergastar, com sua simples existencia, o orgulho de uma sociedade que se diz civilisada.

Ao offerecermos uma solução para o problema da mendicidade, tomamos este termo em sua significação mais restricta, a saber, imploração á caridade publica. Pomos de lado, em uma larga ressalva, as victimas do pauperismo, isto é, das más condições economicas da sociedade, de sua impropria organização financeira, de uma insufficiente produção do meio em que vivem, da indisciplina economica dos lares, de causas, emfim, mais remotas que só indirectamente se alteram, e cuja solução depende de modificações profundas da sociedade, no que diz respeito á sua organização de produção, consumo e administração. Não nos referimos, tambem, ao tratar das unidades improductivas da sociedade, a toda essa numerosa familia dos parasitas, distribuidos por todas as classes da sociedade e que são as maiores brechas por onde se escapa a receita social. Estes, os parasitas, são individuos que, remunerados pelos governos ou pelos particulares, apparentam grande actividade com que encobrem sua inepecia, sua preguiça e seu commodismo, julgam-se os baluartes da sociedade, fazem com suas exigencias e com a exposição de seus suppostos direitos um alarido notavel, mas não passam, no fundo, de verdadeiros mendigos, cuja eliminação exigiria providencias ainda mais utopicas, ou pelo menos difficeis que o pauperismo, a saber a renovação da educação moral e de character que se proporciona actualhente á humanidade.

Tudo isso, pauperismo e parasitismo, são fora de nosso proposito e de nossos limites. Referimo-nos tão somente aos que pedem esmolas nas ruas.

Estes podem ser divididos em tres grandes grupos: os que pedem esmolas antes, durante e depois da idade do trabalho. Esta divisão pode ter muitos defeitos, mas tem uma virtude, a de incluir todos os individuos que imploram á caridade publica.

Os do primeiro grupo, e são as creanças, rarisssimamente pedem esmola para si mesmos. São, geralmente, filhos de individuos que, necessitados ou não, mandam-n'os á rua obterem o sustento da familia. São apenas intermediarios entre mendigos e o publico. Caem, portanto, num dos outros dois grupos, o dos adultos e o dos velhos.

Estes ultimos, immobilizados pela idade em uma inactividade forçada, representam, para a sociedade em que vivem, um dever moral indeclinavel de assistencia e protecção. São, no mais das vezes, individuos a quem uma vida de trabalho não deu o sufficiente para o repouso na velhice; são, no caso particular de nosso paiz, individuos — os pretos velhos — que na phase de maior productividade de sua vida trabalharam como animaes de carga para comprar, ao branco que os dominava, o angú que comiam e o ar que respiravam. O asylo de invalidos, nos moldes do que já existe, mas mais efficiente, seria a providencia para essa classe de individuos.

Restam, pois, os que pedem esmola não obstante estarem na idade do trabalho. Estes, ou pedem esmola por mandrice, ou porque têm uma causa transitoria, que os impede de trabalharem, ou porque realmente não podem trabalhar. Para os primeiros, estabelecimentos correccionaes que os ensinem a ganhar o sustento a troco de um trabalho productivo e honesto. Para os ultimos, o mesmo asylo de invalidos, como invalidos que são.

Restam os segundos, os que, na idade do trabalho, imploram á caridade publica porque têm, impedindo-os de trabalharem, uma causa que é ás vezes irremovivel como lesão, mas que nem sempre é insanavel para o effeito de certas formas de actividade. Estes, embora constituam, na classificacão que fizemos dos mendigos, uma divisão de um grupo, constituem a parte mais importante do problema, não só porque, impossibilitados como estão de trabalhar, á sociedade assiste o dever de providenciar para sua manutencão, como porque representam elementos que não trabalham por uma causa accidental, são elementos que, com um auxilio correctivo da sociedade, podem tornar-se seus membros efficientes, productivos, uteis, honrando-a com um trabalho honesto e digno, passando, emfim, a parcella do credito, em vez de parcella do debito, como o eram. São, ainda, a parte mais importante do problema porque constituem o maior numero de nossos mendigos, os ulcerosos, os cegos, os aleijados, etc., etc. São emfim, o objecto de nossa principal preocupacão, porque, se demos a este artigo o titulo de “um problema medico-social”, taes individuos é que lhe dão o aspecto medico, sendo, como são, medicos os recursos principaes a lhes applicar.

De facto, taes individuos são portadores de uma lesão removivel ou de uma lesão irremovivel.

No primeiro caso, são os ulcerosos, os pseudo-invalidos por exgottamento vital, os depauperados, aquelles a quem as privações tiraram a capacidade funccional para o trabalho, e então a medicina é que tem que intervir, curando, levantando energias exgottadas, restabelecendo funcções alteradas por más condições de hygiene e de alimentacão, restituindo-lhes, emfim, a vitalidade por condições hygieni-

cas favoráveis e meios therapeuticos efficientes. Em taes individuos ha muitas vezes, uma boa dose de madraçaria. E' muito conhecido o caso de um mendigo que, recebendo de um medico a offerta da cura de suas chagas, respondeu-lhe: "Muito obrigado, seu doutor, mas depois, de que é que eu hei de viver?" Taes affecções e molestias são muitas vezes, meio de vida para seus portadores. Esses casos, alem da cura physica, precisam da cura moral que lhes ensine a servirem-se menos da simulação na lucta pela vida.

Outro é o caso dos portadores de uma causa irremovivel mas sanavel, como a cegueira, a falta de um ou mais membros, a surdo-mudez, etc. E então, é ainda a medicina que intervem, medindo o gráo em que a função foi attingida, vendo a possibilidade de readaptação do órgão lesado ao trabalho, constatando a irremediabilidade da lesão, afferindo a capacidade funcional de outros órgãos e apparelhos afim de adaptal-os a novas formas de actividade, etc. etc.

Causa irremediavel mas sanavel, dissemos nós. E' preciso attentar ao sentido que damos á palavra "sanavel", afim de que não haja contradição entre os dois termos.

Irremediavel, porque não podemos restituir ao órgão a integridade morphologica e funcional primitiva. Sanavel, porque podemos dar ao individuo uma outra actividade que dispense os órgãos affectados, de modo que para os effeitos do trabalho a lesão é como se não existisse. Sanavel, será, pois, não a lesão, mas a inactividade a que essa lesão força o seu portador.

Restam, pois, á nossa consideração os portadores do que chamamos lesões sanaveis e irremoviveis. Esses casos receberam a mais cabal solução com as escolas de readaptação ao trabalho, já de muito existentes, mas que durante a conflagração e depois della receberam um desenvolvimento espantoso para dar uma nova occupação aos milhares de mutilados da guerra.

São verdadeiramente notaveis os resultados obtidos por essas escolas. Verdadeiros pedaços de gente, que por muito menos se julgariam autorisados a mendigar, recebem uma reeducação para o trabalho, adaptam-se ás suas novas possibilidades funcionaes, e passam a constituir verdadeiros prodigios de actividade relativamente á perda de órgãos que haviam soffrido.

Entre nós uma perna amputada justifica a mendicancia. Na Europa, ou pelo menos nos paizes que fazem a readaptação ao trabalho, mutilações profundas são casos de possível e facil reeducação. Os relatorios dos institutos de reeducação ahi estão mostrando, com estatisticas lindissimas, os resultados verdadeiramente surprehendedentes que têm obtido, constituindo, os institutos, fontes de renda para os governos, graças á productividade dos trabalhos lá

effectuados pelos que não querem sahir e ganhar sua vida separadamente.

Desde que tenhamos os recursos para tal readaptação, os nossos pseudo-invalidos não seriam mais victimas de uma vida de privação, nem tão pouco continuariam na progressiva degradação moral a que a mendicidade obriga.

Entre nós a cegueira constitue um dos mais intensos motivos de penalisação. Entretanto, os cegos, pelo facto de perda a vista refinar-se a actividade de outros orgãos, tornam-se extraordinariamente capacitados para multiplas e infinitas occupações, em que outros sentidos, principalmente o tacto são exigidos. Ainda ha pouco os jornaes noticiaram a viagem de um cego, alumno de uma escola ingleza de cegos com capacidade para dois mil alumnos, em busca de apoio das colonias inglezas no estrangeiro.

Esse individuo relata as maravilhas que se obtêm dos cegos, desde que se lhes dê uma educação apropriada.

Nosso sentimentalismo, entretanto, acha melhor dar um tostão ao cego que lhe pede uma esmola, julgando ter, assim, cumprido o dever sagrado da caridade. Caridade madrasta, essa, feita mais de commodismo que de altruismo. Faça-se um esforço, realizem-se despesas que estão absolutamente dentro de nossas possibilidades sociaes e administrativas, e sintam-se, então, depois, a consciencia do dever cumprido.

Assistencia aos invalidos, reeducação moral dos abulicos, readaptação ao trabalho para os mutilados — essa seria uma solução racional e humanitaria para o problema da mendicidade.

ASSIGNEM A "REVISTA DE MEDICINA"

BRASIL (6 numeros)	10\$000
ESTRANGEIRO	18\$000
NUMERO AVULSO	2\$500